# "ANTIGA HISTORIA DO BRASIL"

«Malhar, bater, martelar—eis um dos processos mais efficazes para a realização de algo de razoavel nesta vida, mórmente quando para tanto não basta a clareza do argumento ou a força da persuasão».

Patrocinada pelo dr. Mathias Olympio, ex-governador do Piauhy, e impressa nas officinas da Imprensa Official, de Therezina, acaba de vir á luz uma monographia intitulada «Antiga Historia do Brasil», da lavra do dr. Ludovico Schwennhagen, professor de philologia numa Universidade austriaca.

E' um livro bizarro e extravagante; o mais extravagante, talvez, que se ha publicado em lingua portugueza nestas duas ultimas decadas.

Escripto a laia de romance historico, genero litterario tão em gosto actualmente no Brasil, nelle o autor, depois de relatar supposta viagens para o Novo Continente de povos ribeirinhos do Mediterraneo, estuda, a seu modo, o povo tupy, cujas origens pensa ter encontrado perdidas na velha Caria.

Um tal escripto merecia, é claro, ser analysa-

do unicamente pelos que se dedicam ao estudo das obras de ficção ; como, porém, a magia de suas theorias continúa a empolgar figuras respeitaveis nas lettras patricias, e constitue, de certo modo e em alguns pontos, a resposta do prof. a uma critica que publicamos na «Revista do Instituto», ha dois annos, julgamos dever fazer-lhe alguns rapidos reparos.

## AS FONTES

Nosso autor não foi feliz na escolha das fontes onde bebeu os conhecimentos de paleo-ethnologia que lhe serviram de base para a elaboração do vasto «tratado historico», de que damos conta.

Ao invés de consultar sobre americanismo os trabalhos de autores respeitaveis como Rivet, Nordenskiold, Boman, Ambrosetti, ten Kate, von Ihering, Lehmann-Nitsche, Th. Sampaio, Hartt, etc, e ler a «Ethnographia», de Sylvio Romero,—livro que todo estudioso de coisas americanas deve compulsar detidamente —, s. s. prefere manusear os escriptos de Candido Costa e de Henrique Onfroy de Thoron e louvar-se nas informações phantasiosas do sr. Appolinario Frot.

Onfroy de Thoron foi incontestavelmente um homem de grande talento e cultura aprimorada, mas por inteiro falho de senso critico (1), tão necessario aos que se dedicam ao estudo do arduo problema das origens dos povos do Novo Continente

Viveu varios annos na America do Sul, onde diz ter «descoberto» os limites do antigo paraizo terreal e a lingua primitiva de Adão, escrevendo

(1) «Ce savant, que j'ai beaucoup connu, n'était ni un sot, ni un ignorant ; mais l'esprit critique lui manquait, et, malhereusement, c'est cequi manque trop souvent a ceux qui abordent des sujets qu'on ne peut traiter sans cela». (Vignaud, «Probléme du peuplement de l'Amerique»).

depois duas monographias interessantissimas, intituladas, uma «Voyages des Flottes de Saloman et d'Hiram en Amerique», e a outra «Les Pheniciens à l'ile d'Haiti».

A primeira, que appareceu originalmente no jornal geographico o «Globo», de Genebra, em 1869, e foi no mesmo anno tirado em folhetos, teve em Manáos uma edição portugueza (1876). A segunda foi publicada na cidade de Louvain, em 1889.

As theses, que sustentou com brilhantismo e convicção em seu folheto de 1869 e foram divulgadas mais tarde por Candido Costa no livro «As duas Americas», eram as seguintes:

«Que os navios de Salomão, do grande rei Salomão, o da Biblia, sulcaram muitas vezes as aguas do Amazonas; que o lendario e maravilhoso paiz de Ophir, de onde o rei sabio tirou o immenso ouro, que o tornou o monarcha mais sumptuoso da terra, estava collocado na vertente do Amazonas, banhada pelo rio Japurá; que a região de Parvaim não é outra senão a bacia superior do Amazonas, no territorio oriental do Perú; que o rico paiz do Tarschisch, de que tanto falam os livros sagrados, tambem era na Amazonia e, finalmente, que as madeiras empregadas no magnifico templo de Salomão eram madeiras brasileiras».

E' logico que taes affirmativas, si bem formuladas com precisão e clareza, não têm, todavia, o minimo fundamento.

O methodo philologico por elle empregado é falho e perigoso e está, por isso mesmo, completamente desacreditado. Serve apenas para mostrar «quanto pode uma ideia systhematica quando revestida de formulas e de argucias linguisticas», como muito bem escreve Sylvio Romero.

Por processo identico ao usado por Thoron não é difficil localizar o Ophir em qualquer ponto

da terra, em Ceylão ou na Sumatra, na India ou na Africa.

Convém observar que muito antes de Thoron outros doutores, não menos eruditos, baseando deducções sobre etymologias extravagantes ou sobre semelhanças linguisticas illusorias, com um pouco de sophisma e boa vontade, já tinham descoberto o Ophir na America, localisando-o ora no Perú (Génébrand, Guilherme, F. Montesinos), ora no Mexico (Arius Montanus), ora nas Antilhas (Colombo).

Si tudo isso não bastasse para desmoralizar a singular these do erudito linguista, teriamos ainda as ultimas descobertas levadas a effeito na Africa do Sul, que permittem localizar com segurança na região de Sofalah o mysterioso paiz de que fala a Biblia, em ambos os livros das Chronicas, em Job, nos Psalmos, em Isaias e no primeiro livro dos Reis.

Quanto a Tarschisch, diz-nos o erudito Childe, não é um paiz, é o alto mar, é o Thalassa dos gregos.

O capitulo I, do livro «As duas Americas», de Candido Costa, em cujo contexto o prof. Schwennhagen foi buscar grande parte da erudição que ostenta em sua monographia, é apenas uma longa citação de lendas e hypotheses as mais temerarias e desencontradas referentes ás origens brasilicas, feitas sem muito methodo e acceitas sem previo estudo critico.

Essa obra de vulgarisação, destinada a diffundir e propagar conhecimentos extranhos a mór parte dos estudiosos de então, teve seu successo, aliás merecido, em 1900, quando americanismo era ainda, para muitos, synonimo de phantasias.

Mas hoje,—28 annos decorridos, durante os quaes os progressos do americanismo foram surprehendentes—ninguem póde mais tomar a sério o

livro de Candido Costa e muito menos consideral-o trabalho fundamental.

Quanto ao sr. Appolinario Frot, é um joven francez mais cheio de imaginação do que de sciencia, — no justo conceito de Paul Rivet — que pensa ter conseguido com a ajuda de inscrições egypcias ainda «indechiffrées» (sic) e «apresentando certas analogias com as petrographias brasileiras», demonstrar que os egypcios colonizaram tambem a Amazonia.

## O LIVRO

Voltemos, porém, ao primeiro capitulo da obra do professor austriaco.

Após uma preliminar secantissima, onde exalta a personalidade de alguns estudiosos e confunde (p. 4), o senador Pompeu com o dr. Thomás Pompeu de Sousa Brasil, entra o autor a formular, com singeleza pasmosa, uma serie de proposições, qual a mais confusa e despropositada.

E para que não pareça haver exaggero em nosso asserto, vamos transcrever os trechos mais suggestivos dessa parte do escripto.

Eil-os aqui:

1.º «Está longamente provado que existiu, no primeiro millennio antes da era christã, uma epocha de civilização brasileira».

2.º «Já conhecemos dois mil lettreiros e inscripções espalhados sobre todo o territorio brasileiro e escriptos nas pedras com instrumentos de ferro ou de bronze».

3.º «Essas inscripções petroglyphicas foram feitas por homens que sabiam escrever e usavam os alphabetos do mar Mediterraneo».

4.º «Já provado tambem se acha que existiu uma navegação transatlantica entre esses povos e o Continente Brasileiro muitos seculos antes de Christo».

Ha, porém, coisa ainda mais divertida:

«A maior parte dos lettreiros brasileiros, diz o homem, são escriptos com lettras do alphabeto phenicio e da escripta demotica do Egypto. Existem tambem inscripções com lettras da antiga escripta babylonica, chamada sumerica. Além disso temos lettreiros escriptos com hieroglyphos egypcios, e podemos differenciar, em outros lugares, variantes de lettras, que se encontram nas inscripções da ilha de Creta, da Caria, da Etruria e da Iberia. Encontram-se tambem lettras gregas e mesmo latinas».

Semelhantes conclusões não resistem a um exame serio.

No seio sombrio das interminas florestas amazonicas ou no recesso das caatingas nordestinas, nas inhospitas mattas de Matto Grosso, ou no Planalto Central, onde Ratzel, o genial fundador da Anthropogeographia, localizou um supposto nucleo cultural do continente cisisthmico, jamais floresceu uma civilisação brasileira, na accepção commum do termo, pois, em todo o paiz, nunca foram descobertos della os mais insignificantes vestigios.

E não é possivel conceber-se que um povo, dotádo de civilização superior, houvesse desapparecido sem deixar traço ou signal de sua passagem pela terra.

Depois, as fatalidades telluricas e climaticas de nosso paiz, os sobejos recursos offerecidos pela natureza brasileira á satisfação das exigentes necessidades dos primitivos habitantes, extinguiram na mente bronca do selvagem qualquer assomo de iniciativa e mantiveram-no em grão estacionario de inferioridade, que quasi não variou desde as eras remotissimas até a epocha da conquista européa (Alf. de Carvalho).

Admittir o opposto seria desconhecer ou desprezar todo o cabedal de conhecimentos relativos á prehistoria sul-americana.

Os oleiros de Marajó e da Goyanna Brasileira, mais evoluidos certamente do que o commum das hordas caboclas, achavam-se tambem nos baixos degráos da escala do aperfeiçoamento social.

Ao contrario do que pretende fazer crer o monographista (p. 8), elles não possuiam meios de transmittir graphicamente o pensamento a um seu semelhante. E', aliás, facto assente em ethnographia que nenhum dos primitivos povos da America do Sul possuiu jamais escripta, «ainda mesmo na accepção dos mais antigos hieroglyphos egypcios ou chinezes».

As inscripções lapidares indigenas, abundantes em todo o Novo Mundo, têm, de longe data, despertado a attenção dos estudiocos e vêm separando os ethnologistas em dois campos oppostos.

Julgam uns, como Ihering, Andrée, Mallery, Koch Gruenberg e Alfredo de Carvalho, que taes desenhos carecem de valor documental, não passando de simples e rudimentares manifestações artisticas. Outros, com Jaguaribe, Ehrenreich, In Thurn, Ernest, J. Crevaux, B. Rodrigues e Theodoro Sampaio, pensam ver nas petrographias e lithoglyphos signaes representativos de factos historicos, symbolos mythologicos, etc.

Nunca alguem, que pelo seu saber merecesse acatamento, se lembrou de ver nessas inscripções a obra de individuos oriundos da velha Europa e muito menos descobrir nellas caracteres graphicos pertencentes a qualquer dos povos do Mediterraneo.

A analogia de muitos desenhos rupestres e debuxos, que ornam as paredes das cabanas, as cuias e as canoas, os remos e outros utensilios dos indigenas actuaes e, sobretudo, o facto de serem, de ordinario, as mãos e pés das figuras representados apenas com tres dedos, indicam claramente sua procedencia americana.

Não ignoramos que o Col. Bernardo da Silva

Ramos, em 1912, pensou ter conseguido, com a ajuda de uma unica chave, traduzir todas ou quasi todas as inscripções brasileiras. Entretanto, seu systema de interpretar os desenhos dos nossos selvicolas não mereceu ainda a sancção da sciencia official.

O sabio Childe, conhecedor profundo das linguas archaicas do Egypto e da Asia Menor, autoridade em grego antigo e em hebraico, não logrou entender o processo linguistico proposto pelo historiador amazonense. Realmente não podemos acceitar que uma só chave servisse para interpretar pretensos textos escriptos em idiomas tão variados como sejam os apontados pelo escriptor austriaco.

Todas as pictographias em que se encontram caracteres chinezes ou signaes das escriptas dos povos mediterranos — e estão neste numero a celebre inscripção da Parahyba e o monumento de «Benton Rock» —, são consideradas apocryphas.

Apenas subsiste uma duvida quanto á authenticidade do lettreiro lapidar de Grave Creek, no Ohio, julgado illegitimo por Leon Rosny e outros americanistas. Essa inscripção apresenta certos symbolos, que muito se approximam das escriptas archaicas e parece, diz Childe, ser precolumbiana e ter sido traçada por algum individuo pertencente a uma das raças possuidoras desses caracteres.

O Ohio está, porém, situado bem distante do Nordeste Brasileiro...

E' igualmente devaneio esteril pretender-se que os petroglyphos brasileiros «rudes e grosseiros primordios de uma arte incipiente», tenham sido gravados com a ajuda de instrumentos de ferro ou de bronze.

Os nossos selvagens desconheciam por completo o uso dos metaes e estavam ainda em pleno periodo neolithico.

O inventario dos objectos metalicos encontrados em territorio nacional pode ser rapidamente feito. Cinge-se a uma machadinha de cobre, achada na Amazonia, de procedencia certamente andina, e a cinco ou seis chapinhas de prata encontradas nos sambaquis do Rio Grande do Sul.

Si o autor perquirisse melhor os assumptos de sua especialidade não diria que os povos da antiguidade tinham sciencia da existencia do Brasil, e, muito menos, que houve antes de Christo navegação regular e commercio intenso entre a America e a Eurasia.

As vagas referencias a terras perdidas nos mares do poente, que se lêm nos antigos escriptos, nada provam, nem têm valor documental algum.

Quem de boa fé poderia inferir de certa passagem da Odyssea de Homero, onde elle fala dos Ethiopes do Oeste, o conhecimento da America?

Quem descobriria nas palavras de Seneca mais do que meras prophecias?

Os unicos povos, diz Childe, que, pelo seu caracter e pelas suas tendencias erraticas, poderiam ter sido eventualmente arrastados pelas correntes oceanicas ás costas do Novo Mundo, seriam os Phenicios e os Egeus (Minoanos de Creta).

Ora, os Phenicios eram discretos e ciosamente guardavam o segredo de suas derrotas e a relação de suas feitorias commerciaes.

Quanto á «scripta minoa» não foi ainda interpretada...

*
* *

O segundo capitulo do livro do dr. Ludovico Schwennhagen não é menos interessante do que o primeiro. O proprio autor chama-o, emphaticamente, «a grande moldura historica, dentro da qual se desenvolveu a antiguidade do Brasil».

Como um magico, elle faz passar diante dos olhos do leitor atonito e maravilhado enxames de navegadores, levas e levas de povos, que demandavam as plagas do Novo Mundo a cata de aventuras.

Quem lê attentamente os diversos sub-capitulos em que se acha dividida essa parte da «Historia do Brasil», quem acompanha a longa enumeração de individuos que, no dizer do autor, buscavam a America Meridional, tem a impressão muito nova de que nossa terra era, ao tempo dos Phenicios de Tyro e de Sydon, uma região conhecidissima, onde os habitantes marginaes do Mediterraneo, até mesmo os mais infensos ás correrias maritimas, vinham estabelecer colonias, fundar entrepostos commerciaes ou adquirir metaes preciosos, cobre, salitre, etc.

Não fatigaremos o leitor repizando todos os erros, que encerra essa parte do escripto pois muitos delles saltam aos olhos.

Deixaremos igualmente de lado a mirabolante historia das migrações das Amazonas, que o escriptor austriaco faz caminhar desde a Africa Occidental até cidade de Faro, no Baixo Amazonas, e a questão das hypotheticas peregrinações dos Phenicios ao Brasil, no anno 1100, A. C., relatadas no 1.º sub-capitulo da obra, para discutir a plausibilidade dos seguintes assertos de s. s.

1.º «Na ilha de Marajó mostram os compridos aterros e os antigos muros de pedras toscas o systema de trabalho cyclopico dos Etruscos». «Mais caracteristicos são ainda os vasos ceramicos encontrados em Marajó, que revelam claramente a arte e lettras do alphabeto dos Etruscos» (p. 11).

2.º «No Baixo Amazonas fundaram ellas (as Amazonas) a cidade de Faro, e lá existe tambem o lago com seu antigo templo escondido ao meio duma ilha» (p. 13).

Os trechos citados são notaveis pelas inexactidões que encerram.

Os vasos e mais artefactos de barro exhumados do Mound de Pacoval ou retirados dos hypogeus de Cunaní ou colhidos nas cavernas sepulchraes de Maracá, tão interessantes pela forma e lavores que os ornam, nada têm de commum com a ceramica italiana da alta antiguidade, nem apresentam caracteres graphicos pertencentes á lingua etrusca, como pensa o professor.

O celebre pratinho, encontrado em Marajó, e que figura no VI vol. dos «Archivos do Museu Nacional», em cujos desenhos o dr. Ladislau Netto julgou descobrir symbolos de egypcio hieratico e do chinez antigo, não mostra tambem semelhança alguma com os artefactos etruscos.

Não é preciso ser-se muito versado em archeologia prehistorica da America, para saber que, nas cercanias da cidade de Faro, não existem nem nunca existiram restos ou vestigios de antigos santuarios pagãos.

Em ponto algum da Amazonia, ou mesmo do Brasil, jamais alguem topou com vestigios certos de construcções cyclopicas antiquissimas.

As noticias, que apparecem de quando em vez na imprensa de todo o paiz, annunciando a descoberta de restos de muralhas prehistoricas em regiões ignoradas do hinterland brasileiro, são meras invencionices. Nenhuma dessas informações teve ainda confirmação plena.

O vestuto «labyrintho do systema pelasgo» construido, segundo affirma o prof. (p. 18), pelos Phenicios na Ilha de São Luiz, é apenas uma série de velhas galerias dos tempos coloniaes...

As fortificações e trincheiras encontradas por Aureliano Pinto Guedes, na Ilha de Fortaleza, margem direita do Igarapé do Lago, são inteiramente feitas de argilla...

Deixemos, porém, falar o doutissimo Theodoro Sampaio:

«O estudo do Homem Americano, escreve esse sabio americanista, pouco progride no Brasil.

Falta-lhe, como estimulo e interesse, o prestigio, a seducção mysteriosa de uma antiguidade, culta e longinqua, cujo fulgor em outr'ora se attesta nas ruinas de cidades destruidas, de monumentos soterrados ou escondidos no recesso das florestas impenetraveis, como essas ruinas que, no Mexico, na America Central, na Colombia e no Perú, se deparam aos viajantes e antiquarios. Não temos a esse respeito, em nosso favor, essa attracção dos tempos idos».

«O Homem Americano não deixou, com effeito, ao que se sabe, dentro das nossas fronteiras, vestigios de uma cultura maior que se possa equiparar á das populações que outr'ora dominaram os planaltos andinos e mexicanos».

***

No sub-capitulo seguinte, o professor abraça e defende com ardor as audaciosas theorias de Thoron sobre a situação de Ophir, que já tivemos occasião de analysar detidamente, e accrescenta «algumas explicações historicas que não se encontram no trabalho de Thoron», no intento, sem duvida, de tornal-as mais claras e intelligiveis...

O philosopho austriaco oppõe, todavia, ás conclusões de Thoron as seguintes objecções

«E' certo, diz o dr. Ludovico, que os judeus fundaram nas regiões do Alto Amazonas, onde negociavam, algumas colonias que ali se mantiveram durante muitos seculos. Mas, isso não justifica que antiga lingua brasilica, o tupí, fosse muito influenciada pela lingua hebraica. O tupí é muito mais antigo e pertence á grande familia das linguas pelasgas, que foram faladas em todos os pai-

zes do littoral do Mediterraneo. Os povos da antiga Atlantida falaram essa lingua, e a mesma «lingua sumerica» dos antigos Babylonios pertenceu a essa «lingua geral» dos Carios, respectivamente, dos Pelasgos».

E mais longe:

«Os sacerdotes e os mercantes entendiam-se com todos, e por isso formou-se, já no segundo millenio A Chr., uma «lingua geral» que foi falada, desde a Asia Menor até á America Central, e deveria ser chamada «pelasgo-tupí». Essa, que chamaram os antigos brasileiros «nhehen-catú» (o bom andamento), falaram os mercantes phenicios, bem como os sacerdotes (sumés e piagas dos povos tupís). O hebraico é muito mais novo; quando Moysés appareceu com seu povo em Chanaan, não trazia uma lingua organizada. Os tijolos com os dez mandamentos, recebeu-os Moysés da Chaldéa e foram escriptos na lingua babylonica. Depois, aprenderam os judeus a lingua popular dos Phenicios e, muito mais tarde, elaboraram os levitas, com os elementos de lingua phenicia, uma lingua hieratica, que ficou chamada «hebraica».

Como se vê, o prof. mistura erradamente Pelasgos e Babylonios e proclama, a proposito da historia dos Hebreus, heresias que não precisam ser commentadas.

Esquecido, tambem, de que as linguas semitas se dividem em dois grupos: o de Este com o Assyrio-Babylonio, e o de Oeste, que deu origem a 2 ramos: o do Sul, como o Arabe, e o do Norte, como o Arameo e o Cananeo; olvidado que o hebreu e o phenicio são duas subdivisões do cananeo—d'ahi a grande semelhança que se nota entre as citadas linguas (1) s. s., em nota posterior (pag. 58), augmenta ainda a confusão de sua salada lin-

(1) Contenau — «La civilisation phénicienne».

guistica collocando inadvertidamente num só grupo e filiando-o depois a um supposto tronco pelasgo-phenicio, idiomas pertencentes a tres cathegorias distinctissimas—como sejam o hebraico (lingua de flexão), o euskara (lingua agglutinativa) e o nheengatú (lingua polysynthetica).

Acreditamos que existam outras inexactidões e outros enganos dignos de attenção nas passagens apontadas.

A competencia do autor da «Antiga Historia do Brasil» em questões linguisticas é, para nós, muito problematica. Não nos sentimos, todavia, com autoridade para insistir nesse terreno. O que podemos contestar com segurança, apoiando-nos em todos os mestres da lingua tupí, desde Figueira até Tastevin, é que «*nhêen-gatú*»—boa lingua (nhêen-lingua) signifique «o bom andamento», como quer o prof. austriaco.

Parece que o dr. Ludovico, tão apaixonado pelas nossas coisas, jamais se deu ao util trabalho de estudar alguma das linguas dos indigenas brasileiros, e que conhece o idioma tupí apenas de oitiva, pois interpreta absolutamente a seu talante, caprichosamente, os vocabulos os mais conhecidos e corriqueiros.

De seus conhecimentos da lingua tupí, damos meia duzia de exemplos concludentes: Tupí é, ainda para elle, filho de Tupan e Tupan significa adorado Pan... (pg. 35).

A interpretação do nome abauna é interessante:

«O padre Antonio Vieira, conta-nos, diz elle—citando mais uma vez em falso—conta-nos como seus amigos indigenas explicavam esse nome: Tu és nosso pae (aba) e andas com vestido preto (una); então abauna é o padre vestido de preto« (p. 34).

«Os Poti-jaras, continúa o prof., o qual nome mudou em Poti-guaras, tiravam seu nome de Poti, que significa na lingua pelasga um rio peque-

no, respectivamente affluente dum rio grande. Nas regiões dos Carios existem muitos rios de nome Poti. No grego mudou a palavra em Pot-amos — Meso-Potamia é a zona entre os dois «Poti», «Euphrates e Tigre».

Observe-se, primeiro, que a lingua pelasga com tanta facilidade manejada pelo autor é ainda um mysterio para a sciencia; em seguida, o facto do philologo austriaco chamar poti, significando rio pequeno, aos dois formidaveis formadores do Chat-el-Arab...

***

O escriptor austriaco tem o fraco das citações em falso e acceita, com demasiada precipitação, tudo que lê.

Exemplo. Transcreveu Candido Costa, em seu livro (p. 48), a noticia inverosimil, dada por um jornal qualquer de Montevidéo, de que foram achados na Villa das Dôres um capacete e certas armas gregas do tempo de Alexandre, occultas num sepulchro antiquissimo; tanto bastou para que o homem devaneasse, creando logo, sob o titulo «A destruição de Tyro, em 332, e a expedição da frota de Alexandre Magno para a America do Sul, em 328», uma historia caprichosa destinada a explicar a mirifica descoberta (1).

Esse conto maravilhoso, que se lê ás pgs. 20 a 22, da «Historia do Brasil», está, é certo, recheiado de inverdades historicas — taes como o dizer-se, por exemplo, que Ptolomeu foi nomeado

(1) Não nos julgamos obrigados a insistir sobre a absoluta impossibilidade da historia relatada pelo prof., observamos, porém, que nenhuma Revista séria, americana ou européa, se occupou ainda do extranho achado de Villa das Dôres.

governador do Egypto, por Alexandre, na occasião de sua visita á terra dos Pharaós; affirmar-se, esquecido do papel de Dinocrates, que Ptolomeo Lagus edificára Alexandria num local previamente escolhido pelo filho de Philippe, etc., etc.—mas ha de, certamente, agradar a muitos leitores, amigos de aprenderem historia em romances.

A fertil imaginação no prof. não tem rival, sobretudo quando se trata de descobrir o significado e interpretar vocabulos pertencentes ao falar rustico do povo ou que apparecem na toponymia brasileira.

Muito tem que aprender ainda o Sr. dr. Theodoro Sampaio...

Eis, segundo o dr. Ludovico, a historia da palavra Canudos.

«No Brasil, diz o philologo extrangeiro (p. 39), foram fundados pelos sacerdotes de Car, diversos lugares sagrados, com o nome «Carnutum», o qual mudou no correr do tempo, em «Ca-nudo» (!)

Maranhão viria de Maran-ion», que quer dizer «a grande Ionia. (!!)

As etymologias de «carcamano» e «carpina» não são menos hilariantes e graciosas.

Car, escreve (p. 41) o linguista, foi um genio universalista. Creou castas de operarios e artistas e fundou escolas para ensinar as artes. «Carpina» era a arte de lavrar a madeira de pino (em portuguez—pinho)». (!!!)

«A Capital dessa provincia (Caramania), continúa o *sabio* (p. 38), era Caramana, e de lá vieram os pequenos commerciantes caramaras, que se estabeleceram no interior do Brasil. Estes viajaram nos navios dos Phenicios; mas esses ultimos eram mercadores capitalistas, que não trataram de commercio retalhista. Eis a origem, conclue elle singelamente, do nome «carcamano».

«Pagés vem, no pensar do prof., de bagés, cor-

ruptella ou transformação de piagas; d'onde «Piauhy» ao «Piaguy», terra dos piagas.

*
* *

O dr. Schwennhagen tem, disse eu, o fraco das citações em falso.

Já na segunda conferencia, pronunciada em Fortaleza e transcripta no «Diario do Ceará», valeu-se s. s. desse recurso.

Refiro-me á citação de um documento, que diz s. s., fôra publicado pelo Barão de Studart, para provar que as hordas tupís, promanadas da Carahyba (?), tinham invadido primeiramente a serra da Ibiapaba.

Agora, depois de declarar que já no tempo do Imperio Romano apparecia na nomenclatura geographica o nome de «Insula septem civitatum»,—o que não é verdade—, sustenta, sem fundamento serio (p. 26), que o mais antigo documento referente á Ilha de Sete Cidades é uma chronica da Cidade de Porto-Cale (hoje o Porto), escripta em latim por um padre catholico, cerca de 740 annos depois de Christo.

Ora, não existe nenhum documento, nem em latim nem arabe, relativo ao assumpto em apreço. Se existe não foi ainda divulgado.

O que o professor julga ser uma historia veridica, não passa de lenda, das muitas que estiveram em voga durante a Idade Media.

Contava-se então,—e é isso que os livros têm transmittido,—que, na epocha da conquista da Hespanha pelos Arabes, depois da derrota de Xerez la Frontera, e o desapparecimento do rei Wisigodo Roderico, sete bispos, sob a direcção de um

delles, o arcebispo do Porto, embarcaram seguidos de seus parochianos, abandonando-se a seu destino. Depois de vagarem largo tempo, aportaram elles a uma ilha desconhecida e nella fixaram residencia, depois de terem queimado seus navios. Como elles eram sete e que cada um construiu uma residencia propria, a ilha tomou o nome de Ilhas das Sete Cidades (1).

Martin Behaim, em seu famoso mappa de Nuremberg (1492), desenhou esta ilha com a legenda: «Quando se remonta ao anno 744, do nascimento de Christo, epoca em que a Europa foi invadida pelos infiéis da Africa, então a ilha chamada «Sete Cidades», aqui representada, foi povoada por um arcebispo de Porto, em Portugal, e 6 outros bispos, acompanhados de christãos, homens e mulheres, que, fugindo de Hespanha em navios, ahi vierem ter com seus haveres (2).

Demais, o Porto nunca se chamou Porto Cale. O nome Portocalia ou condado Portocalense servia a designar o Porto e seus arredores, que foram doados a D. Henrique por Affonso VI, de Leão.

Quanto aos peritos navegadores, que o monographista faz apparecer em sua narrativa (p. 26), Portugal não os possuia em 711. Elles só appareceram muito mais tarde, depois da creação da Escola de Sagres pelo infante D. Henrique, filho de D. João I, o fundador da dynastia d'Aviz.

Em Sagres, é sabido, os peritos navegadores do Mediterraneo vieram formar pilotos portuguezes, ensinando-lhes tambem o manejo da bussola e e do astrolabio. Ahi se creou, ao que parece, um

(1) Gaffarel. L'ile de sept cités et l'ile Antilia, Pag. 193.
(2) Gaffarel. Idem, Pag. 199.

novo typo de navio—a caravella—graças ao qual o pequeno Portugal devia se tornar em breve a maior potencia maritima do mundo de então.

***

Tudo que o professor escreveu sobre Marco Polo é incongruente, phantastico e está eivado de incorrecções.

O escriptor começa baralhando datas e confundindo Marco Polo com Nicola Polo, seu pae; depois attribue-lhe falsamente meritos que só pertencem aos cartographos da Idade Media e sobretudo a Martim Behaim; assegura ainda, sem base, que foram os arabes que transmittiram ao veneziano o conhecimento da China; reputa-o creador de uma theoria de circumnavegação da terra; e, finalmente, fal-o compor um livro quatro annos antes de nascer...

«O veneziano Marco Polo, diz o philologo austriaco, escreveu seu livro cerca de 1250 dep. Chr. Elle fez viagens ao Oriente durante 20 annos (1230 a 1250) e formou seus conhecimentos, a respeito de Cathay, Sipanga, pelos navegadores arabes.

Estes explicavam a Marco Polo, que, esses paizes eram situados da Arabia para o nascente, mas se poderia alcançal-os tambem, «navegando para o Poente».

A conhecidissima historia de Marco Polo é em resumo a que se segue, e não a que o prof. relata.

Eil-a: Entre 1250 e 1260, dois irmãos, ricos joalheiros venezianos, Nicola Polo e Matheus, sahiram da patria para ir commerciar com os mongoes; diversas circumstancias os levaram a Pekin (Cambaluc em Mongol) onde Kublai, o grande Khan dos Mongoes, então residia.

Depois de varios annos de permanencia na China, elles pensaram em voltar e receberam do Khan a missão de conseguir do Papa medicos e

sabios capazes de o ajudarem na administração de seu vasto imperio.

Não foram bem succedidos na empresa. A proposta dos mercadores não seduziu seus compatriotas e, regressando ao Oriente, um unico os seguiu, foi Marco Polo, nascido em 1254, filho de Nicola.

«Marco Polo, prosegue o professor, conta que esteve na China, e accrescenta muitas historias phantasticas que os modernos chinezes declaram puras invenções».

Engana-se o monographista mais uma vez. Marco Polo teve seus detratores e foi por vezes accusado de mentiroso; é isso natural, pois nenhum viájante ficou jamais indemne do grave damno da maledicencia.

As narrativas, que fez desse paiz remoto e mysterioso, enumerando circumstanciadamente tudo que ahi vira de novo, desde a extravagante architectura de seus pagodes até a polidez e riqueza de seus habitantes, sem esquecer tambem os extranhos motivos ornamentaes em voga, o uso do papel moeda, etc., etc.; a descripção colorida acerca da intensa vida commercial da China do Norte (Cathay) e do desenvolvimento cultural de Hong-tchéu-fu, a maior cidade de então, que se lêem em sua obra, pareceram tão singulares e maravilhosas a seus contemporaneos e de tal modo diverso daquillo que elles estavam habituados a contemplar e a ouvir que enxergaram nellas embuste e falsidade e deram, por isso, ao viajor veneziano o cognome pejorativo de Messer Millone.

Tudo que Marco Polo dissera em seu livro era, porém, exacto e fielmente relatado. Elle proprio o affirmou na hora da morte, e os missionarios Jean de Montecorvin, Oderico de Pardenone e sobretudo os jesuitas que, no seculo XVII, perlustraram a China, se encarregaram de o demonstrar.

A veracidade das narrações contidas no «Li-

vro das Maravilhas» é geralmente admittida e não nos parece que algum lettrado chinez se lembrasse jamais de as contestar...

Esse escripto, considerado actualmente documento de alto valor historico, serve aos estudiosos de termo para comparar a vida chineza de outr'ora com a de hoje. Tanto assim que, depois de grande numero de edições, dadas em quasi todas as linguas da Europa, foi elle re-impresso, ultimamente (1924-1926), na propria China, em Pekin, por Alberto Nachbaur e reeditado em Londres (1926) sob o titulo «The Travels of Marco Polo the Venetian» with an Introduction by John Masefield (edição de J. M. Dent and Sons).

Até mesmo na descripção da rota seguida por Marco Polo, s. s. labora em grave erro. Assim sustenta, sem fundamento serio, que para chegar á China o mercador veneziano «viajou por terra, sahindo da India (?); por isso não poude elle calcular a distancia maritima». E continúa: «No Japão, que elle chama Sipanga ou Sipango, não esteve, mas declara que essa ilha estava situada longe do Grande Oceano, dez mil milhas distante do Continente Asiatico...»

Saiba o prof. que na primeira e unica viagem á China, que Marco Polo emprehendeu, partiu elle, acompanhado de seu pae e seu tio, de Veneza, atravessou o Mediterraneo, a Armenia e a Persia, seguiu o caminho que vae ter ao oasis de Kachgar, pelo Pamir, transpoz o oasis Kratan e Yarkand, o deserto de Gobi, attingindo finalmente Cambaluc.

E' certo que o arguto veneziano esteve na India, mas foi muito depois, quando regressava á patria. Viajando da China para Bagdad, via Ormuz, elle permaneceu dois annos embarcado e conheceu numerosos portos daquelle paiz e as ilhas de Sonda.

A Bagdad levava-o, é sabido, a grave incum-

bencia, conferida por aquelle que fôra seu protector durante longos annos, de entregar uma princeza mongol ao noivo, certo principe persa.

Malbarata o prof., inutilmente, vasta erudição philologica para mostrar que no livro de Marco Polo não está escripto a palavra Sipanga e sim Cipango, «no italiano, escreve elle, sempre (?) se usa terminação «o» em palavras exoticas e o «C», no principio da palavra, é errado, porque ninguem diz «Tchipango», como se devia pronunciar o nome com o «c» italiano. Nem a lingua japoneza, nem o arabe, nem o tupy tem a consoante «tch». Podemos, por isso, bem suppor que o nome era Sipanga».

O livro de Marco Polo, que o prof. parece apenas conhecer de nome, foi primeiramente redigido em francez, sob dictado do autor, por Rusticiano de Pisa, em 1295, e por elle proprio revisto em 1307. O nome que ahi figura não é nem Sipanga, nem Sipango e sim Zipangu ou Cipangu.

Quanto a palavra Giapan (Japão) apparece pela primeira vez numa carta de Gastaldi, inserta no terceiro volume da obra de Ramusio (1550), mas as primeiras informações acerca desse paiz, distante 1500 milhas a leste da Asia — e não 10.000 como escreve s. s.—apparecem, queira ou não queira o prof., nas narrações de Messer Millone...

***

O capitulo III, da monographia do dr. Ludovico, estuda as origens, a lingua e a religião dos povos tupís. O IV, trata da supposta migração dos Carios para o Brasil.

Nelles, como nos anteriores capitulos da obra, o professor austriaco emitte, com sua costumeira naturalidade, as mais ousadas e incongruentes affirmativas.

Insistindo sobre suas théses favoritas, diz, mais uma vez, que o nheengatú é um ramo da lingua sumerica e sustenta a procedencia alienigena do grupo tupí, dizendo-o originario da Caria, na Azia Menor.

Essa idéa de fazer promanar alguns dos nossos selvicolas da Caria, não é original, pertence a Varnhagen e já foi, de ha muito, abandonada por absurda. O que pertence, porém, ao viajante austriaco é a serie notavel de argumentos de ordem philologica, que elle adduz para comprovar seus assertos e que o douto Visconde de Porto Seguro não teria, estou certo, de nenhum modo subscripto.

Já tivemos occasião de dar uma amostra dos conhecimentos linguisticos do extrangeiro e por isso julgamos desinteressante insistir nesse terreno.

Não podemos, todavia, fugir ao praser de destacar o seguinte topico:

«Os phenicios, escreve o prof. p. 40, nunca chamaram sua terra *Phenicia ;* o nome era, como já explicamos, *Caru* para o paiz, bem como para o povo», e accrescenta: «o nome *Phenicios* deram os Gregos aos navegadores de Tyro, como appellido, para significar que eram mercadores de tinta da ave fabulosa Phenix».

Nos seus devaneios, mais uma vez S. S. tomou a nuven por Juno.

O nome Phenicia vem effectivamente do grego, mas não tem a extranha significação, que lhe empresta o autor da «Antiga Historia do Brasil».

Bem longe disso. *Phenicia,* segundo alguns estudiosos, deriva de *Phoinix.* que quer dizer palmeira. Os melhores mestres ligam, porém, o vocabulo á raiz *phoinos,* que significa vermelho (1).

(1) Dr. G. Cotenau—«La civilisation phénicienne».

Esta interpretação afigura-se-nos mais rasoavel, pois na Phenicia não existiam palmeiras (1).

E' certo igualmente que os Phenicios não denominavam de Phenicia a sua terra natal, mas tambem não n'a chamavam de Caru. Diziam-se Cananeos e designavam seu paiz pela palavra *Kinahhu* ou *Kinahme* conforme se lê na carta de Tell el Armana (2).

Sempre amigo de citar em falso o dr. Schwenhagen gosta não raro de attribuir a vultos notaveis das lettras patrias seus proprios pensamentos...

Varnhagen é sua victima preferida. Falsea-lhe, a cada passo, os conceitos, altera-lhe os raciocinios e chega mesmo a imputar-lhe a absurdo idéa de localisar na Caraibia (Antilhas ?), o berço da raça tupí.

O professor é, tambem, um pessimo bibiophilo. Se conhecesse melhor as obras, que tão amiudamente cita, não avançaria, tratando dos livros de Claude d'Abbeville e de Ivo d'Evreux as seguintes proposições absolutamente injustificaveis:

«Quando Claudio de Abbeville apresentou seu livro á Rainha Regente de França e ao arcebispo de Paris, declararam todos os criticos ser o mesmo producto da phantasia, allegando que aquelles indios selvagens não podiam ter taes noções religiosas. Por esse motivo foi o livro supprimido e o padre morreu, dois annos depois, de desgosto».

«O livro de Evreux, avança ainda o professor, foi supprimido pela censura ecclesiastica, por causa do mesmo; mas Evreux (?) guardou uma copia e o manuscripto de Abbeville. (?) Ambos os livros foram publicados, mais tarde, pelos cuidados da ordem dos Franciscanos».

---

(1) Dr. G. Cotenau — «La civilisation phénicienne».
(2) Dr. G. Cotenau — obra citada.

Engana-se o philologo austriaco, mais uma vez. Não foram, como suppõe s. s., motivos de ordem religiosa e sim razões meramente politicas que armaram as mãos sacrilegas que mutilaram e quasi fizeram desapparecer, das officinas de Francisco Huby, onde fôra impresso, o trabalho intitulado «Viagem ao Norte do Brasil».

Tampouco cabe aos padres Franciscanos a gloria de ter salvo da destruição e do olvido o escripto do P.e Ivo d'Evreux, pois ella pertence toda inteira ao bravo Senhor de Rossily.

No prefacio escripto por Ferdinand Denis para uma reedicção dessa obra interessantissima, são elucidadas satisfactoriamente todas essas questões.

No tocante ao livro do Pe. Claude d'Abbeville o engano do escriptor é ainda mais evidente.

A «Histoire de la mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan» nunca foi confiscada pela censura. Teve nada menos de duas edições, em 1614. Se se tornou, mais tarde, obra rarissima e excessivamente cara deve-se a não ter sido mais impressa. Paulo Prado, desejando facilitar aos estudiosos o manuscio desse trabalho, reproduziu-o ha poucos annos.

Cesar Augusto Marques, em 1874, deu-nos uma bôa traducção portugueza dos citados escriptos dos dois missionarios francezes.

As noções, que o escriptor viennense possue acerca das crenças religiosas dos nossos selvicolas, são das mais erroneas e antiquadras.

Segundo elle os tupís rendiam culto a um ser supremo, conhecido por Tupan, e reverenciavam Tupana, força divina e creadora.

«Com o nome *Tupan,* escreve s. s. p., 33, veneraram os Tupís o unico e omnipotente Deus, creador e governador do Mundo».

E prosegue

«Pelo nome *Tupana* indicavam os Tupís a força divina e creadora (exactamente como a deusa Cybele»).

Note-se, desde logo, que o dr. Ludovico cae pouco depois em franca contradicção comsigo mesmo sustentando, p. 36, que a religião pregada pelos piagas era puramente monotheista».

Suas affirmativas ligeiras denunciam, a cada passo, absoluta ignorancia no tocante á evolução das idéas religiosas no homem e mostram tambem que o prof. não soube comprehender a influencia da religião christã sobre as crenças rudimentares dos selvicolas actuaes, nem distinguir as grosseiras e extravagantes praticas africanas por elles perfilhadas.

Os nossos aborigenes, no seculo do descobrimento e da conquista, não tinham noção alguma de um Deus todo poderoso, nem a podiam ter. Seu gráo de cultura, sua evolução mental não lhes permittiam tão larga generalisação.

Pouco importa que o General Couto de Magalhães dê, em seu interessante livro «Religião e Raças selvagens», uma nomenclatura extensa e complicada dos Deuses tupís e que outros autores tenham feito dos selvicolas theologos consumados. O certo é, porém, que na mente bronca do indio brasileiro apenas dominavam o receio dos espiritos máos e o medo das coisas incomprehendidas.

«Estavam, como faz observar Sylvio Romero, pouco além da epocha do puro naturalismo em que o terror faz crer que as nuvens são seres terriveis que combatem, entidades ferozes que se devem respeitar».

Temiam sobretudo os raios e os trovões, a que chamavam *Tupan*, mas não emprestavam a essa entidade nenhum poder sobrenatural.

Sustentar a completa ausencia da idéa de um ser supremo entre primitivos brasís, nada mais é, aliás, do que repetir a palavra autorisada dos

chronistas antigos, entre os quaes destacamos Lery, Damião de Goes, Fernão Cardim e Gandavo.

«Este gentio, escreve o penultimo dos autores citados, não tem conhecimento algum do seu creador, nem de cousas do Cèo . . ».

O nome *Tupan, Tupá,* ou ainda *Tupana* não tinha para o indigena o valor representativo da idéa de Deus.

A principio só os catechistas davam esse appellativo ao Creador.

Para demonstrar que foram os missionarios que adoptaram o vocabulo Tupan para significar Deus, basta-nos citar sob o assumpto um trecho da carta do Padre Manoel da Nobrega, sempre digno de todo o respeito e acatamento.

«E assim nós não temos outro vocabulo mais conveniente para os trazer ao conhecimento de Deus, que chamar-lhe pae Tupan» (Carta de 1549) (1).

Entre os que negam tenham os indigenas dado sempre a Deus e nome de Tupan estão ethnologos e historiadores do valor mental de Varnhagen, Carlos Hartt, Alfredo do Carvalho, J. Corrêa de Araujo, etc.

***

Nos capitulos seguintes nosso autor refere, como sendo um facto historico indiscutivel, a fundação de Tutoya pelos Phenicios, cita grande numero de lugares do littoral brasileiro onde diz existirem ruinas de estaleiros construidos por antigos navegadores do Mediterraneo, e, a seguir, pinta detalhadamente a famosa Sete Cidades de Piracuruca.

Nada mais interessante do que a descripção

(1) CARLOS FRANÇA (Ethnographia brasileira, segundo os escriptores portuguezes do Seculo XVI).

desse recanto pittoresco do Piauhy, feito pelo viajante austriaco.

A seus olhos tudo se colore e tudo se transforma.

Nas rochas decompostas elle vê templos, fortalezas, castellos, minaretes e torreões. Os penhascos, roidos pela erosão secular, são estatuas de divindades desconhecidas, columnatas, agulhas ou obeliscos. Os buracos, cavados nos morros informes pelos agentes naturaes, lhe parecem nichos, setteiras ou barbacans.

Não conhece barreiras sua imaginação creadora.

Logo depois, entrando a divagar, o professor assegura que os Egypcios embalsamavam seus animaes sagrados com salitre tirado do Brasil septentrional e sustenta ser a cachoeira de Paulo Affonso uma obra construida por antigos engenheiros egypcios que teriam mais tarde emigrado para a Bolivia, Perú e Mexico, onde fundaram varios nucleos culturaes.

No capitulo VII, o monographista occupa-se da população actual do Piauhy e de sua ascendencia, fazendo incursões em pleno dominio da historia, da ethnographia e da estatistica.

Historia parece ser, para o linguista extrangeiro, «a arte de atrapalhar as questões mais simples, de tudo confundir e de obscurecer o que é claro».

Suas théses historicas não têm rival em extravagacias.

Segundo elle, Gabriel Soares fez, em 1587, uma viagem pelas costas do Norte do Brasil e Martim Soares Moreno foi ao Maranhão, em 1631.

A chronologia luso piauhyense começaria no anno 1603, com as viagens de Pero Coelho e dos Padres Francisco Pinto e Luis Figueira á aquella região.

A Ibiapaba teria sido sempre considerada,

até meiados do seculo XVIII, uma provincia autonoma, com seu governador proprio.

Quanto á guerra de exterminio movida pelos conquistadores aos indigenas, de que fallam os compendios de historia, nada mais é, assegnra o professor, do que pura lenda...»

Distanciando-se cada vez mais da realidade, o escriptor austriaco encerra seu trabalho com um capitulo sobre os monumentos precolombianos do Piauhy.

Nelle são enumerados um a um todos os documentos archeologicos, que s. s. encontrou em suas numerosas viagens pelo visinho Estado.

A crermos em s. s. a terra do snr. Mathias Olympio, seu protector e amigo, é a mais rica provincia archeologica do Brasil, quiçá mesmo de toda a America Meridional. Ali existem, em profusão verdadeiramente assustadora, necropoles phenicias, dolmens e pyramides antiquissimas ao lado de minas abandonadas pelos Egypcies, de templos subterraneos, labyrinthos pelasgos, etc., etc.

Passaremos em silencio as mirificas descobertas archeologicas do dr. Ludovico porque alhures d'ellas já nos occupamos longamente (1).

Em resumo, a «Historia do Brasil Antigo», de que damos conta, é um manancial inesgottavel de inexactidões, de devaneios e falsidades.

Pauperrima de documentos, nas suas paginas bailam numa confusão enorme lendas, historia e romantismo inane. Misturam-se ali Phenicios e Carthaginezes com Aztecas e Quichuas, Etruscos e Tupís, Arabes e Pelasgos, Carios e Tapuias. Confundem-se lastimavelmente Piagas, Pagés e Magos da Chaldéa.

A Ilha de Sete Cidades, das lendas medievaes,

(1) Revista do Instituto do Ceará. Tomo XXXIX, anno XXXIX.

apparece como sendo ora Cipango, ora Heptapoles, ora tambem Sete Cidade de Piracuruca.

Para o dr. Ludovico todos os povos do Velho Mundo velejaram aguas territoriaes do Novo Continente e se identificaram pelo cruzamento nas terras ubertosas do Brasil.

Para analysar todos esses desatinos e pôr um pouco de ordem em tal pandemonio, fôra necessario escrever um alentadissimo in-folio.

Não ousâmos, com receio de fatigar demasiado o leitor, levar a cabo tal commettimento, aliás sem nenhum resultado pratico. Util julgámos, todavia, fazer as ligeiras ponderações, que constituem o presente artigo. Por ellas se poderá, talvez, fazer uma justa idéa dessa singular monographia, que a muitos se afigura uma obra de espantosa erudição...

C. Studart Filho.